

## APRESENTAÇÃO

O tema deste número duplo, 6 e 7, dos Cadernos Pagu, é Gênero e Raça. Este tema permitiu juntar artigos instigantes e que contribuem para debates que os ares contemporâneos refocalizam. Mas, este tema também nos chama à reflexão sobre ele próprio se não bastassem as complexidades dos dois termos - "gênero", "raça" ainda estamos diante do desafio da conjunção "e". Antes dos artigos que compõem este caderno, eu gostaria de, nos limites de uma introdução, enfrentar esta última reflexão, a do próprio tema e, de início, problematizar a própria conjunção. O "e" é aqui um termo importante, um terceiro, um nexos, a relação. Mas, relaciona o quê? Eis o complicador. Eu poderia, particularmente em uma apresentação, driblar esta complexidade, o que aliás já se tornou comum em muitos "estudos e pesquisas sobre gênero". Vou tentar a simplificação: raça e gênero falam de duas diferenças, ambas teriam em comum o de serem percebidas na corporalidade, caminho mais fácil à naturalização. Gênero, seria a diferença sexual e raça, a diferença bem, qual?

Simplificar não parece um bom caminho... Aliás, não me satisfaz esta tentativa nem mesmo sobre o que eu disse acima sobre gênero. Afinal, a lua pode ser conceitualizada como feminina, o Estado como masculino e até prova em contrário ambos não tem sexo.

No Prefácio do livro *Freud, Raça e Sexos*, há uma nota do tradutor que diz:

A palavra inglesa *gender*, presente já no título original deste livro, *Freud, Race and Gender*, refere-se à distinção entre sexos. Traduzi-la sempre por 'gênero' seria aproximar-se sempre de um conceito gramatical que não corresponde àquela distinção. Optar simplesmente por 'sexo', que traduz o inglês *sex*, seria estabelecer um falseamento, embora seja esta a palavra que se usa para especificar a condição

raça e gênero

masculina ou feminina das pessoas. Decidiu-se então usar o plural 'sexos' para quase sempre traduzir gênero.<sup>1</sup>

Esta nota é sugestiva: ao privilegiar a denotação de um dos termos, o tradutor restringiu o conceito de gênero à uma dimensão gramatical, tateou na procura de uma correspondência entre referência biológica e linguagem, fixou as "condições" de sexo em duas construções de gênero, "masculino" e "feminino" e terminou por usar um artifício estritamente gramatical: pluralizou o termo cuja referência é biológica para designar o que não estaria neste plano, "gênero". O outro termo, "raça", não apresentando problemas no circuito restrito das línguas traduzidas, vai circulando livremente e driblando as questões epistemológicas e políticas nele embutidas.

O uso da noção de Gênero, na teoria social, e politicamente, é mais recente. Estaria, acreditamos nós, referindo-se à diferença entre os sexos, portanto, estaria assentado inevitavelmente na biologia e, deste ponto de vista, bipolarizaria o mundo humano em homens e mulheres, o mundo animal em macho e fêmea e o mundo em geral em masculino e feminino. Mas, uma perspectiva de gênero pode, e este é, do meu ponto de vista, um de seus méritos, por um lado nos revelar esta crença no binarismo sexual e, por outro lado explodi-lo deslocando o referente em seus diversos sentidos culturais, políticos, e históricos. Daí porque gênero não é sinônimo de "mulheres". Nem o relacional que uma perspectiva de gênero pede se resolveria apenas no simples acréscimo, homens e mulheres. Mesmo porque, a perspectiva relacional é intrínseca ao conceito de gênero e não está na dependência dos recortes empíricos. Quero dizer que, mesmo recortando-se empiricamente apenas mulheres (ou homens, ou mídia, ou qualquer outro recorte) a interpretação poderá fazer-se sob a perspectiva de gênero.

Geertz<sup>2</sup>, falando sobre a noção de pessoa entre os marroquinos -"pessoas contextualizadas", tinha todas as brechas para falar da

---

<sup>1</sup> Gilman, Sander L. *Freud. raça e sexos*. Rio de Janeiro, Imago, 1994, p.13. Tradução: Julio Castañon Guimarães.

<sup>2</sup> GEERTZ. C. "From the Native's Point of View: Anthropological Understanding". *Local Knowledge*, New York, Basic Books, 1983.

importância do gênero nesta contextualização. Não o fez ali, mas vai fazê-lo em um livro posterior.<sup>3</sup>

Quando se fala em Gênero, hoje, a intenção seria, no mínimo, a de tomar distância do que nos parece um inevitável para nos por a pensar sobre o que sociedades e culturas estão dizendo sobre si mesmas quando falam, e o fazem de formas múltiplas, sobre diferenças de sexo: Deste ponto de vista, gênero não é a diferença entre os sexos. E o lugar analítico onde nos colocamos para compreender e analisar o que está sendo dito sobre e com esta diferença.

O segundo termo, raça, tem vários sentidos e que remetem a um potencial agrupador, identitário: raça já pode designar pretensa unidade de língua, de costumes, de origem, ou mesmo de caracteres somáticos, os quais possibilitariam uma classificação biológica da espécie humana. Neste último sentido foi incorporado a uma demarcada linguagem científica. Mas, também, quando são colados atributos culturais e sociais às linhas demarcadas biologicamente, afirmados positivamente ou não (isto é, seriam racistas não só os valores atribuídos aos judeus enquanto raça mas também, e relacionalmente, aos arianos; aos negros como aos brancos, etc.), resvala-se para o terreno do racismo.

Na relação dos termos aqui propostos, Gênero e Raça, a conjunção vale no que assinala um confronto: entre uma perspectiva analítica (aquela que inclui as concepções êmicas mas não se satisfaz em nelas se reter e as incorpora para interpretá-las, compreender seus sentidos e tentar explicá-las, abrindo ainda a possibilidade política de sua modificação) e uma outra perspectiva que se atém ao visível (somático) ou invisível (grupos sanguíneos, cérebro, DNA) biológicos. O confronto assim pede uma hierarquização conceitual, para que raça seja interpelada a partir daquela perspectiva de gênero a que me referi, a de revelação e explosão. Isto nos permitiria compreender o que está se dizendo quando se fala em raça. Mas, e principalmente, daria à raça o mesmo estatuto êmico que sexo, resguardando a intenção analítica de gênero e não o inverso, ou seja, o de colocar gênero no mesmo patamar de raça. Assim, a conjunção acessa algumas revelações

---

<sup>3</sup> GEERTZ, C, *After the Fact, Two Countries. Four Decades. One Anthropologist*, Massachusetts, Cambridge, Harvard University Press, 1995.

raça e gênero

simples, por exemplo, nos fala da crença de que os corpos são espaços privilegiados de inscrições e sentidos. Mas, nos alerta para uma complexidade: é ainda o caso de, como Kafka na *Colônia Penal*, afirmar que, se o corpo é um espaço de escrita, é preciso procurar quais textos, quais leis nele são inscritas e que sujeitos as escrevem.

O conteúdo deste Caderno é a resultante de duas experiências: o Grupo de Trabalho sobre Raça e Gênero, na última reunião da ABA (Associação Brasileira de Antropologia), e do qual saíram quase todos os artigos, e um Debate ocorrido na Unicamp, com o mesmo tema, do qual participou o editor da Revista *Raça Brasil*, que foi editado e comentado para compor esta publicação.

O Núcleo de Estudos de Gênero, responsável coletivamente por esta publicação, entrega mais um de seus Cadernos aos seus leitores, com uma nova capa, mas guardando suas intenções originais.

Suely Kofes